

¶ tragédia da Matemática

Num certo livro de Matemática, um quociente apaixonou-se por uma incógnita. Ele, o quociente, produto de notável família de importantíssimos polinómios. Ela, uma simples incógnita, de mesquinha equação literal. Oh! Que tremenda desigualdade. Mas como todos sabem, o amor não tem limites e vai do mais infinito ao menos infinito. Apaixonado, o quociente olhou-a do vértice à base, sob todos os ângulos, agudos e obtusos. Era linda, uma figura ímpar e punha-se em evidência: olhar rombóide (= rombo - losango), boca trapezóide, seios esféricos num corpo cilíndrico de linhas sinoidais (=curvas). -- Quem és tu? -- perguntou o quociente com olhar radical. -- Sou a raiz quadrada da soma do quadrado dos catetos. Mas pode-me chamar de hipotenusa - respondeu ela com uma expressão algébrica de quem ama. Ele fez de sua vida uma paralela à dela, até que se encontraram no infinito. (...) Três quadrantes depois, resolveram se casar. Traçaram planos para o futuro e todos desejaram felicidade integral. Os padrinhos foram o vector e a bissetriz. Tudo estava nos eixos. O amor crescia em progressão geométrica. (...) Eram felizes até que, um dia, tudo se tornou uma constante. Foi aí que surgiu (...) um máximo divisor comum. (...) Ela sentiu-se imprópria, mas amava o máximo. Sabedor desta regra de três, o quociente chamou-a de fracção ordinária. Sentindo-se um denominador comum, resolveu aplicar a solução trivial: um ponto de descontinuidade na vida deles. (...)

(...) Ela foi para o espaço imaginário e ele foi parar num intervalo fechado, onde a luz solar se via através de pequenas malhas quadráticas.

<http://matematica.com.sapo.pt/conteudos.htm>

Professor: _____ Ano/Turma ____ Leitura ___ / ___ / 2012